

Cidadania e responsabilidade

Sempre me pareceu muito oportuno falar de situações reais, e de pessoas, em lugar de teorizar num plano abstracto. A vida e as actuações falam por si e são pedagógicas

Um médico-cirurgião oftalmologista Dr. V. (Govindappa Venkataswami, actualmente com 87 anos de idade) reforma-se do seu trabalho no hospital estatal no Sul da Índia, na cidade de Madurai. Ao tempo, em 1976, com 58 anos de idade. Vê que na Índia há 12 milhões de cegos de cataratas, que poderiam tornar a ver se tivessem acesso à cirurgia; e, vendo, podiam recomençar a trabalhar e ganhar a sua vida.

Como tem poucos meios, o Dr. V. decide começar uma pequena clínica oftalmológica, com 11 camas, convidando a sua irmã e o cunhado, também médicos-cirurgiões oftalmólogos. A clínica vai muito bem; decide criar outra, com 30 camas para quem não pode pagar nada, por ser pobre. Tudo a funcionar como deve ser. Pede um empréstimo a um banco, hipotecando tudo quanto tem, para construir um hospital. Só 35% dos que aí são atendidos pagam os serviços que recebem; os restantes 65% não pagam nada. E, apesar disso, a exploração do conjunto é superavitária. Terminado o hospital, constrói um segundo, depois mais dois. No dia 21 de Fevereiro de 2003 acaba de inaugurar o quinto hospital. No total são 3500 lugares, onde se dão consultas da vista a 1,5 milhões de pessoas em cada ano, fazendo-se mais de 220 mil cirurgias às cataratas, dispondo os hospitais de todos os mais avançados meios técnicos. Trabalham mais de 1500 pessoas, com 220 médicos, tratando de todas as doenças dos olhos.

Em cada operação há que substituir o cristalino que se tornou embaciado ou opaco, por uma lente plástica. Tais lentes custavam entre 100 e 200 dólares, importadas dos Estados Unidos, enquanto a parte mais delicada e cara da operação não excedia uma dúzia de dólares. O valor da importação era inabarcável, pelo que tentou fabricar as lentes em Madurai.

Encontrou quem financiasse os equipamentos e hoje fabrica 700 mil lentes intra-oculares, utilizando 220 mil e vendendo quase a preço de custo, de 5 dólares, as sobrantes, a mais de 85 países, nomeadamente às ONG e *charities*.

Os cinco hospitais localizam-se nas cidades. A população indiana é sobretudo rural (72%). Alguém com problemas de visão não tem capacidade de se deslocar à cidade, por ser longe, por se assustar com a dimensão da cidade, por não ver, etc.

O empreendedorismo social não é utopia. É uma realidade possível de abraçar



de modo que o Dr. V. decide fazer os *eye-camps* nas aldeias, com o apoio de empresários locais para publicitar e convocar as pessoas com dificuldades de visão, arranjar um local de rastreio; e o pessoal médico e paramédico do Aravind Eye Care System vai até ao local fazer um rastreio completo, resolvendo os problemas, dando óculos e colírios, etc., e trazendo de autocarro para o hospital todos os que necessitam de ser operados. Três dias depois estes ope-

rados são devolvidos ao mesmo local do *eye-camp*. Actualmente realizam-se mais de 1500 *eye-camps* por ano.

Em média os médicos-cirurgiões do Aravind fazem 2 mil operações às cataratas por ano, para além das consultas. Nos hospitais do Estado, na Índia, cada médico faz uma média de 220.

Fazer o bem dá lucro

O sonho do Dr. V. é franquiar a sua ideia como se tratasse de um McDonald's para que as suas técnicas e a forma de trabalhar, muito eficientes se possam espalhar por todo o mundo, nomeadamente entre as populações sem recursos. Entretanto, oferece seminários de treino para todos os médicos oftalmólogos que queiram; mais de 1000 médicos de todo o mundo participaram nesses seminários. E também, através de uma instituição do grupo, dá consultoria para reorganizar os departamentos de oftalmologia de mais de 200 hospitais, de modo aumentar a sua produtividade, utilizando intensamente o tempo do médico-cirurgião. Num dos hospitais, que antes fazia 496 operações às cataratas por ano, depois da reorganização com a ajuda do Aravind já se fazem 490 operações por mês.

O Dr. V. é um homem do povo. Não tinha meios para resolver um problema tão avassalador. No entanto, começou por fazer o que podia; tentou a responder aos desafios que se lhe apresentavam: com os magros haveres, mas sobretudo com a sua ciência médica, o seu incansável trabalho, a sua capacidade de organizar, de criar uma grande equipa de trabalho e de a motivar. E aí temos hoje o Aravind Eye Care System.

O Prémio Cidadania para Empresas e Organizações é uma iniciativa da AESE e da PricewaterhouseCoopers para distinguir e trazer a público as organizações (empresas ou ONG) que se empenham em praticar medidas que asseguram a sustentabilidade da comunidade em que se inserem e revelam a sua responsabilidade social. Actuações parecidas às do Dr. V. e do Aravind felizmente existem pelo mundo fora e fazem a diferença.

Eugénio Viassa Monteiro é professor de Comportamento Humano na Organização - Empreendedorismo Social na AESE.